

O uso das redes sociais via internet como instrumento da classe dirigente contra as ideias marxistas

Vinícios de Moraes Betiol¹

The use of social networks via the internet as an instrument of the ruling class against Marxist ideas

Resumo

Partindo da premissa de que a história da sociedade é a história da luta de classes, o nosso recorte espaço-temporal será conduzido por essa premissa de que a classe dirigente buscará artifícios para se manter no exercício do poder. Isso faz com que a classe burguesa busque manter o controle de mecanismos que possuam grande influência perante a sociedade. Ao longo de muitos anos setores como a mídia, a escola, a igreja e obviamente o Estado estão sob os tentáculos do grande capital. Porém, em tempos de novas tecnologias, essa conjuntura vem passando por transformações. As redes sociais via internet surgiram como mais um instrumento de grande apelo social. Como não poderia ser diferente a classe dirigente já tomou a dianteira no controle das informações, com o propósito de utilizar tal instrumento como arma de manipulação de mentes para a promoção de seus interesses e de ataques às ideias marxistas. Diversos *think tanks* foram financiados para formar a opinião da classe trabalhadora através das redes sociais, tentando afastá-la das ideias críticas e torná-la mais vulnerável. É esse o contexto contemporâneo da luta de classes, em que os ideólogos marxistas precisam primeiramente encontrar meios de convencer a classe operária de sua opressão.

Palavras-chave: Relações de poder. Luta de classes. Redes sociais.

Summary

Starting from the premise that the history of society is the history of the class struggle, our space-time clipping will be driven by this premise that the ruling class will seek artifice to maintain itself in the exercise of power. This makes the bourgeois class seek to keep control

¹ SEEDUC-RJ.

of mechanisms that have great influence in society. Over many years sectors such as the media, school, church and obviously the state are under the tentacles of great capital. However, in times of new technologies, this situation has undergone transformations. Social networking via Internet has emerged as another instrument of great social appeal. As it could not be different the ruling class has already taken the lead in controlling the information, with the purpose of using such an instrument as a weapon of manipulation of minds for the promotion of their interests and attacks on Marxist ideas. Several think tanks have been funded to form working class opinion through social networks, trying to push it away from critical ideas and make it more vulnerable. This is the contemporary context of the class struggle in which Marxist ideologists must first find ways of convincing the working class of their oppression.

Keywords: Power relations. Class struggle. Social networks.

Desde que Marx expôs em seus livros o funcionamento e as injustiças do capitalismo os grandes burgueses tentam calar suas ideias. Tal autor foi preso, exilado e submetido a uma série de privações como forma de sabotagem de sua atuação.

Apesar de todas as dificuldades, seus livros chegaram ao meio acadêmico e à classe operária. A conscientização e luta por melhores condições trabalhistas rendeu aos trabalhadores uma série de vitórias. Com base em seus escritos, revoluções se iniciaram, como a revolução russa e a revolução cubana. Porém, o capitalismo ainda resiste e uma de suas principais armas é a desinformação a respeito das ideias de Marx.

Durante a Guerra Fria os EUA, que era a grande potência capitalista da época, investiu pesado em marketing. Essa ação conhecida como “*American way of life*” tinha como propósito levar para o mundo a ideia de que o estilo de vida capitalista estadunidense era superior ao que o socialismo soviético tinha a oferecer. A ofensiva midiática dos EUA não visava apenas vangloriar o seu próprio estilo de vida, mas também criar mitos com mentiras ou informações distorcidas sobre a União Soviética e as ideias marxistas.

Apesar do fim da União Soviética, os grandes capitalistas e os Estados capitalistas² seguiram com o propósito de criar instrumentos de convencimento de que o sistema é justo para todos e ao mesmo tempo demonizar as ideias críticas com base em Marx.

2 Conceito presente em Harvey (2005).

Enquanto isso, mesmo possuindo recursos e tecnologia para produzirmos o necessário para todos, em pleno ano de 2019, o sistema produtivo é voltado para o lucro dos patrões e não para as necessidades das pessoas, em um contexto em que 1% da população mundial acumulou metade riqueza do planeta, enquanto quase 900 milhões³ de pessoas passam fome e 4,5 bilhões⁴ de pessoas não têm acesso a saneamento básico.

A perversidade da exploração capitalista cria a necessidade de dominação da mente dos trabalhadores por parte da classe dirigente. Afinal, se os trabalhadores parassem parar refletir que estão vivendo em um sistema que funciona em acumulação de capital, através da exploração de terceiros, poderiam se rebelar.

É nesse contexto que manter o trabalhador preso a uma “*matrix*” se torna primordial para o exercício do poder. Foucault (1979) evidencia que o poder ocorre através das relações pessoais, de modo com que possa ser exercido por pessoas sobre pessoas. Ocorre que para que esse exercício se concretizar é primordial a dominação por parte daqueles que exercem o poder. É a dominação da classe operária pela classe dirigente, que permite o exercício do poder. Porém, são as palavras de Weber (1999) que deixam de forma mais clara o funcionamento da dominação:

[...] cabe primeiro determinar, mais precisamente, o que para nós significa “dominação” e qual a sua relação com o conceito geral de “poder”. Dominação no sentido muito geral de poder, isto é, de possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria, pode apresentar-se nas formas mais diversas (Weber, 1999, p. 188).

Weber segue com sua visão crítica a respeito da dominação:

Por "dominação" compreenderemos, então, aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta ("mandado") do "dominador" ou dos "dominadores" quer influenciar as ações de outras pessoas (do "dominado" ou dos "dominados"), e de fato as influencia de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandado a máxima de suas ações obediência. (Weber, 1999, p. 191).

Temos um contexto em que o exercício do poder se torna tão bem elaborado de modo com que os dominados passam a ter dificuldades de enxergar a própria condição de

3 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/fao-fome-aumenta-no-mundo-e-afeta-821-milhoes-de-pessoas/> (acessado em 21/02/2019).

4 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-45-bilhoes-de-pessoas-nao-dispoem-de-saneamento-seguro-no-mundo/> (acessado em 21/02/2019).

dominado. Cria-se uma ideia de liberdade de escolhas, quando na verdade as pessoas são induzidas às escolhas. O que prevalece é a arte de dominar mentes e fazer os dominados enxergarem com os olhos dos dominadores.

Essa compreensão demonstra a fragilidade das concepções de capitalistas liberais, como as de Arendt, (1983) que acredita que o exercício do poder funciona de forma consensual e livre. Pedimos licença poética para dizer que as ideias liberais são um *estupro de vulnerável*.

Tentar convencer de que o exercício do poder não é algo que vem sendo feito de forma agressiva é a maneira de impedir a libertação da dominação, que guia o exercício do poder. Se levarmos em consideração a “terceirização” da visão de mundo das pessoas, sem que elas percebam, a ideia liberal baseada no “comum acordo” passa a ser nula.

Seguindo com as contribuições de Weber, temos um ponto primordial na obra desse autor: a importância dos meios econômicos para a manutenção da dominação e, naturalmente, do poder.

[...] na grande maioria das formas de dominação, e precisamente nas mais importantes, este é, de alguma maneira, o caso, e muitas vezes numa proporção tão grande que, por sua vez, o modo como os meios econômicos são empregados para conservar a dominação influencia, decisivamente, o caráter na estrutura de dominação. Além disso, a grande maioria das comunidades econômicas, entre elas precisamente as mais importantes e modernas, apresenta uma estrutura que implica dominação (Weber, 1999, p. 188).

Poulantzas (1980) deixa esse raciocínio ainda mais claro quando expõe que existe uma dominação da classe dirigente em relação à classe operária. Para ele, a classe dominante utiliza uma série de instrumentos, dentre eles o controle do Estado, que não é um detentor de poder, mas sim uma forma de suporte no exercício do poder.

Contra a concepção que Foucault e Deleuze atribuem ao marxismo, eu também insistia sobre o fato de que o Estado não é uma coisa ou uma entidade com essência instrumental intrínseca que deteria um poder-grandeza quantificável, mas que reflete as relações de classes e forças sociais. Só se pode entender por poder de Estado o poder de algumas classes (dominantes), ou seja o lugar dessas classes na relação de poder frente às outras (dominadas), e, ainda mais, na medida em que trata-se aqui de poder político, a estratégica relação de forças entre essas classes e suas posições. O Estado não é nem o depositário instrumental (objeto) de um poder-essência que a classe dominante deteria, nem um sujeito que possua tanta quantidade de poder que, num confronto face a face, o tomara das classes; o Estado é o lugar de organização estratégica da classe dominante em sua relação com as classes dominadas. É um lugar e um centro de exercício do poder, mas

que não possui poder próprio. (Poulantzas, 1980, p.169).

Essa linha de pensamento de que a dominação serve antes de tudo às elites econômicas, nos encerra a uma reflexão a respeito da dominação por parte dos grandes capitalistas e a algumas perguntas: quem são os grandes capitalistas? Quais os mecanismos eles utilizam para a dominação? Quem os representa indiretamente?

Se admitirmos que dentro das relações de poder os responsáveis pelo sistema capitalista possuem vantagem em relação às outras formas de exercício do poder, precisamos nos atentar às estratégias utilizadas por eles para a dominação da sociedade.

Para facilitar o domínio, ao ponto de fazer as pessoas se identificarem com o discurso do capital, os grandes capitalistas precisam expandir seus tentáculos para vários mecanismos que possuem influência perante a sociedade. Aqui destacaremos quatro desses importantes mecanismos: mídia, escola, igreja e posteriormente a internet.

Esses são o alicerce da dominação da mente das pessoas para que os grandes capitalistas possam exercer o poder. Porém, para manter o domínio desses quatro elementos é primordial controlar o Estado.

Com o controle do Estado fica muito mais fácil o controle dos quatro mecanismos citados. O Estado controla facilmente as diretrizes educacionais. Também financia a grande mídia, através de propagandas milionárias e cria leis que regulamentam as religiões. Por fim, financia ONGs e grupos que atuam na internet.

Desse modo, existe um forte investimento da classe burguesa para o controle do Estado e dos demais mecanismos citados. O controle do Estado pela classe dirigente gera o conceito de Estado capitalista, descrito por Harvey (2005). Esse modelo de Estado tenta passar uma imagem de instituição que serve a sociedade de uma forma geral, quando na verdade representa os interesses do capital. Essa utilização do Estado é fundamental para mascarar a luta de classes, pois as atenções voltam a ele.

Essa forte relação do capitalismo com o Estado, com a igreja, com a escola e com a mídia não é novidade no meio acadêmico. O que temos de profunda transformação nos últimos anos é o domínio da internet, sobretudo das redes sociais via internet.

Esse contexto de controle de mecanismos está explícito no livro “Dark Money”, em que Mayer (2016) ressalta que David Koch, um bilionário liberal⁵ (chamado por alguns de libertário) e conservador (embora possa parecer contraditório, o livro mostra que a liberdade, na concepção de alguns bilionários, se aplica apenas no sentido econômico, não no sentido social), tentou através da política se eleger vice-presidente dos EUA. Porém, seu grupo político só chegou a 1% dos votos. Diante da percepção da não aceitação de suas ideias, resolveu se juntar com outros bilionários com o propósito de investir milhões de dólares, de forma sigilosa, na promoção de suas ideias.

The Kochs failed at the ballot box in 1980, but instead of accepting America’s verdict, they set out to change how it voted. They used their fortune to impose their minority views on the majority by other means. In the years since they were trounced at the polls, they poured hundreds of millions of dollars into a stealthy effort to move their political views from the fringe to the center of American political life. With the same foresight and perseverance with which they invested in their businesses, they funded and built a daunting national political machine. (Mayer, 1.282-3, 2017).

Segundo a autora, eles financiaram acadêmicos; contrataram lobistas para aprovar suas ideias no congresso; além de grupos para cuidarem de seus interesses no judiciário. Um relato assombroso da atuação desses grupos está exposto na reportagem do Pragmatismo Político⁶, que traz em português o resultado da pesquisa da historiadora Nancy MacLean. A autora relata em livro que teve acesso a uma série de arquivos de um importante acadêmico que morreu recentemente.

Nesses arquivos foi possível comprovar que Charles Koch estava transferindo milhões de dólares para financiar ideias em universidades. Tal acadêmico, responsável pelos arquivos, se chamava James McGill Buchanan. Sua principal ideia se baseia em criticar de forma contundente a participação do Estado na economia.

Influenciado por supremacistas brancos, foi ele o responsável por desenvolver as ideias acadêmicas ultraliberais que os irmãos Koch financiam por todo o mundo. Tal autor participou da formação do programa de governo que o ditador Pinochet impôs ao Chile.

5 Não entraremos em um debate aprofundado a respeito desse conceito, para não perdermos o foco. Porém, a corrente liberal mais próxima dos irmãos Koch e dos grupos financiados por eles e outros bilionários, costuma ser a da escola austríaca, que possui nomes como Friedrich Hayek e Ludwig von Mises.

6 Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/07/projeto-secreto-capitalismo-totalitario.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

Desse modo, viu na prática o seu modelo que mistura liberalismo econômico com autoritarismo.

Ela conta que a primeira coisa que despertou sua atenção foi uma pilha de cartas confidenciais relativas a milhões de dólares transferidos para a universidade pelo bilionário Charles Koch.

Suas descobertas naquela casa de horrores revelam como Buchanan desenvolveu, em colaboração com magnatas e os institutos fundados por eles, um programa oculto para suprimir a democracia em favor dos muito ricos. Tal programa está agora redefinindo a política, e não apenas nos Estados Unidos.

Buchanan foi fortemente influenciado pelo neoliberalismo de Friedrich Hayek e Ludwig von Mises e pelo supremacismo de proprietários de John C. Calhoun. Este último argumentava, na primeira metade do século XIX, que a liberdade consiste no direito absoluto de usar a propriedade – inclusive os escravos – segundo o desejo de cada um. Qualquer instituição que limitasse este direito era, para ele, um agente de opressão, que oprime homens proprietários em nome das massas desqualificadas.

Em uma de suas teorias, o autor, financiado pelos irmãos Koch, afirma que a liberdade consiste no direito absoluto de usar a propriedade. Ele vai além e deixa claro que em um conflito de ideias entre seu conceito de liberdade e a democracia, deve prevalecer os interesses da “liberdade”.

Qualquer conflito entre o que ele chamava de “*liberdade*” (permitir aos ricos fazer o que quiserem) e a democracia deveria ser resolvido em favor da “*liberdade*”. Em seu livro *The Limits of Liberty* [“Os limites da liberdade”], ele frisou “o despotismo pode ser a única alternativa para a estrutura política que temos”. O despotismo em defesa da liberdade.

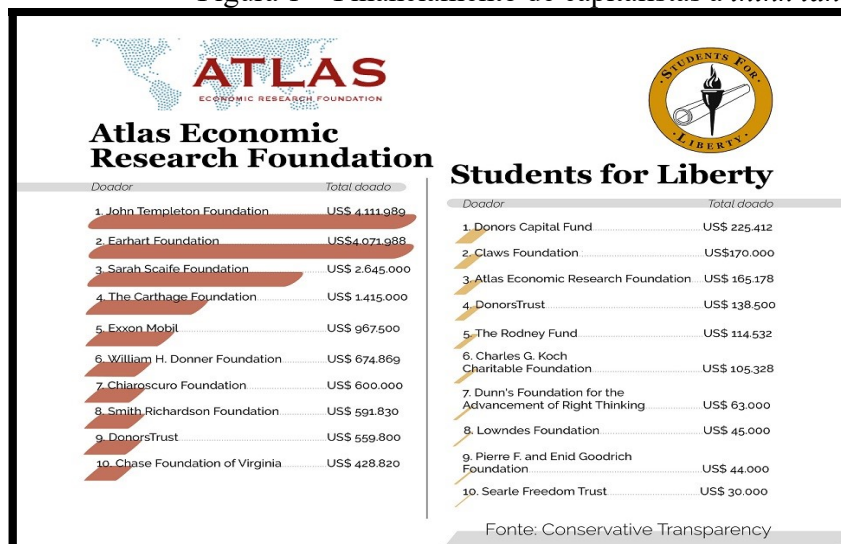
A personalidade de seu idealizador retrata a postura desse tipo de liberalismo, em que a liberdade se limita à liberdade de exploração do mundo pelos grandes capitalistas, enquanto a democracia e o bem estar social deixam de ter relevância.

É nesse contexto de demanda por instrumentos de disseminação das ideias liberais que as redes sociais via internet viram alvo desses grupos. As redes passam a servir de tripé para novas artimanhas de convencimento e aceitação dessas ideologias. Mais que isso, têm servido a figuras que se apresentam como heróis e propõem o autoritarismo como forma de conservar o sistema.

Para facilitar a difusão de suas ideias nas redes sociais, os grandes capitalistas financiam grupos para atuar em tal instrumento. No Brasil os “Estudantes Pela Liberdade” (EPL) e o “Movimento Brasil Livre” (MBL) podem ser classificados como ramificações brasileiras das ideologias liberais que a classe burguesa está propagando. Porém, a criação de diversas denominações (que geralmente estão interligadas) dificulta que as pessoas identifiquem a origem ideológica e financeira desses grupos.

Em reportagem do Operamundi, foi disponibilizado um gráfico comparativo (figura 1) de duas das organizações e seus doadores. Tal gráfico expõe o alto financiamento de empresas de bilionários para a Atlas Economic Reserch Foundation (conhecida como Atlas Network) e para Students For Liberty.

Figura 1 – Financiamento de capitalistas a *think tanks*.



Fonte: Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/40801/financiada+por+institutos+dos+eua+direita+latino-americana+busca+conquistar+jovens+com+nova+roupagem.shtml>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Em sua página, a Atlas Network ⁷ se define como um grupo que não recebe fundos de governos e que acredita nas ideias de seus doadores, com base na liberdade mundial e em uma sociedade livre.

We believe in the dedication of our team, the ideas of our partners, and the commitment from our donors to have a tremendous impact on the

⁷ Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

worldwide freedom movement. Atlas Network does not receive funds from any government or quasi-government institutions. Since its founding and according to its bylaws, Atlas Network has relied solely on voluntary gifts from those who cherish the principles of a free society.

A tática de financiar diversas organizações, com diferentes denominações, fez com que o grupo Koch, comandado pelos irmãos Koch, organizasse uma rede de institutos e ONGs para promoverem suas ideias. Uma reportagem do Viomundo⁸ enumerou algumas delas:

Os irmãos Koch organizaram uma rede de institutos de pesquisas e ONGs que fazem avançar seus interesses sem que os adversários políticos se dêem conta: Americans For Prosperity, Charles Koch Institute, Institute for Humane Studies, Cato Institute e muitos outros.

Com um financiamento milionário, esses grupos passaram a atuar ativamente em todo o mundo. A atuação ocorre em larga escala pela internet, mas também são promovidos eventos. Esses grupos costumam a ser chamados de “*think tanks*” (no português pode ser traduzido como “fábrica de ideias” e é uma referência a grupos que são criados para levar ideias de uma forma acessível a uma população leiga).

A atuação dessas organizações, sobretudo na América Latina, foi abordada pelo The Intercept⁹. A reportagem destaca que a Atlas Networks, que é uma defensora do livre mercado e dos interesses de grandes capitalistas conservadores, além de apoiar o Movimento Brasil Livre (MBL), deu suporte a “Fundação Pensar”, que apoiou a eleição do atual presidente argentino Mauricio Macri, que é uma das lideranças liberais da América Latina.

Ao longo dos anos, a Atlas e suas fundações caritativas associadas realizaram centenas de doações para *think tanks* conservadores e defensores do livre mercado na América Latina, inclusive a rede que apoiou o Movimento Brasil Livre (MBL) e organizações que participaram da ofensiva libertária na Argentina, como a Fundação Pensar, um *think tank* da Atlas que se incorporou

⁸ Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/irmaos-koch-partido-mais-secreto-do-mundo-torra-r-25-bilhoes-para-ganhar-eleicoes-combater-governos-e-espalhar-as-ideias-de-hayek-e-mises.html>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

⁹ Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

ao partido criado por Mauricio Macri, um homem de negócios e atual presidente do país.

O texto exalta que a Atlas Network foi uma das responsáveis pela crise humanitária da Venezuela. A organização alimentou *think tanks* com o propósito de desestabilizar o governo venezuelano, já que nesse país não conseguiram vencer as eleições.

Em uma de suas últimas realizações, a Atlas influenciou uma das crises políticas e humanitárias mais graves da América Latina: a venezuelana. Documentos obtidos graças ao “Freedom of Information Act” (Lei da Livre Informação, em tradução livre) por simpatizantes do governo venezuelano – bem como certos telegramas do Departamento de Estado dos EUA vazados por Chelsea Manning – revelam um complexo tentativa do governo americano de usar os *think tanks* da Atlas em uma campanha para desestabilizar o governo de Hugo Chávez.

Por fim, a reportagem destaca a atuação da Atlas Network no Brasil, que aplicou algo parecido com o que fez na Venezuela. Através de diversos grupos, principalmente o Movimento Brasil Livre (MBL), desestabilizaram o governo, que eles não conseguiram vencer nas urnas, ao criarem uma narrativa de que todos os problemas que existiam no Brasil eram por culpa da esquerda e do grupo político que estava no governo.

Em nenhum outro lugar a estratégia da Atlas foi tão bem sintetizada quanto na recém-formada rede brasileira de *think tanks* de defesa do livre mercado... O esforço para direcionar a raiva da população contra a esquerda rendeu frutos para a direita brasileira no ano passado. Os jovens ativistas do MBL – muitos deles treinados em organização política nos EUA – lideraram um movimento de massa para canalizar a o descontentamento popular com um grande escândalo de corrupção para desestabilizar Dilma Rousseff, uma presidente de centro-esquerda.

Em sua página na internet a Atlas Network ¹⁰se vangloria da atuação do Movimento Brasil Livre (MBL) nos protestos contrários à presidente Dilma Rousseff. Eles apontam que treinaram diversos membros do MBL, para que eles possam levar suas ideologias para o território brasileiro. Eles ainda dão destaque para a atuação de Kim Kataguirí, um dos líderes do MBL, que segundo eles, se transformou em uma referência no mundo todo.

On March 15, a coalition called the Free Brazil Movement led a protest with more than 200,000 people in attendance, the largest São Paulo has seen since the

10 Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/news/article/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

pro-democracy protests of the 1980s. At the head of the movement is Kim Katagui, a rising libertarian star working with Atlas Network partner Estudantes Pela Liberdade (Students for Liberty)....Many members within the Free Brazil Movement have passed through Atlas Network's premier training program, the Atlas Leadership Academy, and are now applying what they have learned on the ground where they live and work.

"The Atlas Leadership Academy provides diverse trainings with a focus on mission development, knowing how to reach your audience and the importance of achieving impact," said Cindy Cerquitella, director of Atlas Leadership Academy.

Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante. E também na conferência internacional em fevereiro, ele vai ser palestrante.

A disseminação na internet de *think tanks*, com o propósito de defender os interesses da classe dirigente tem se tornado uma luta desigual. O capital econômico¹¹ vem fazendo a diferença e esses grupos conseguem um poderoso suporte para a produção e distribuição de conteúdos nas redes sociais via internet.

O conteúdo é composto por inúmeras estratégias de marketing, utilizando muitos jovens e uma linguagem de apelo popular. Frases de efeito e efeitos visuais servem como arma, para limitar o debate e levar as informações de forma sucinta. Como se não bastasse, as informações sobre o capitalismo e as ideias marxistas são repletas de notícias e conceitos falsos ou distorcidos.

O marxismo é apresentado de forma inversa, como se fosse uma ideologia a favor de ditaduras, em que as pessoas passam fome e não gostam de trabalhar. Enquanto o capitalismo é apresentado como uma ideologia em que as pessoas trabalham e compram produtos livremente com o fruto do seu trabalho. Naturalmente que se as pessoas lessem os escritos de Marx, saberiam que estão sendo enganadas. Ocorre que na internet a quantidade de informação passou a chegar nas pessoas de forma frenética, de modo com que muitas preferem ler pequenas frases e assistir vídeos curtos e editados. Isso facilita o trabalho desses *think tanks*, para afastar a classe trabalhadora da ideologia que a defende.

Na Figura 2 podemos observar uma publicação do MBL no Facebook. Na publicação, foi feita uma edição de um vídeo, com o trecho de uma entrevista em que o entrevistado fazia ataques ao socialismo, com argumentos chulos a um conceito de socialismo que nada tem a ver com as ideias marxistas.

11 Conceito de campos de poder presente em Bordieu (1996).

Figura 2 – O uso do Facebook como arma contrária o marxismo.



Fonte: www.facebook.com

Já na Figura 3, temos uma publicação do MBL no Youtube. Nessa publicação, um de seus membros conta mentiras sobre o socialismo e defende veemente o sistema capitalista. As ideias apresentadas possuem um conteúdo vexatório para quem possui uma boa base acadêmica. Porém, para o público leigo, esse tipo de conteúdo possui uma grande penetração.

Com a facilidade de distribuição (proveniente do capital econômico), esses canais possuem milhões de espectadores. O marketing se encarrega de criar um estilo descolado e uma imagem de inovação. O óculos, conhecido como “*thug life*”, que é o símbolo da “mitagem¹²” da internet, demonstra o nível de articulação para se aproximar do público que acessa o conteúdo na rede.

12 Termo utilizado na internet para quem utilizou uma frase de efeito para desconcertar o interlocutor.

Figura 3 – O uso do Youtube como arma contrária ao marxismo



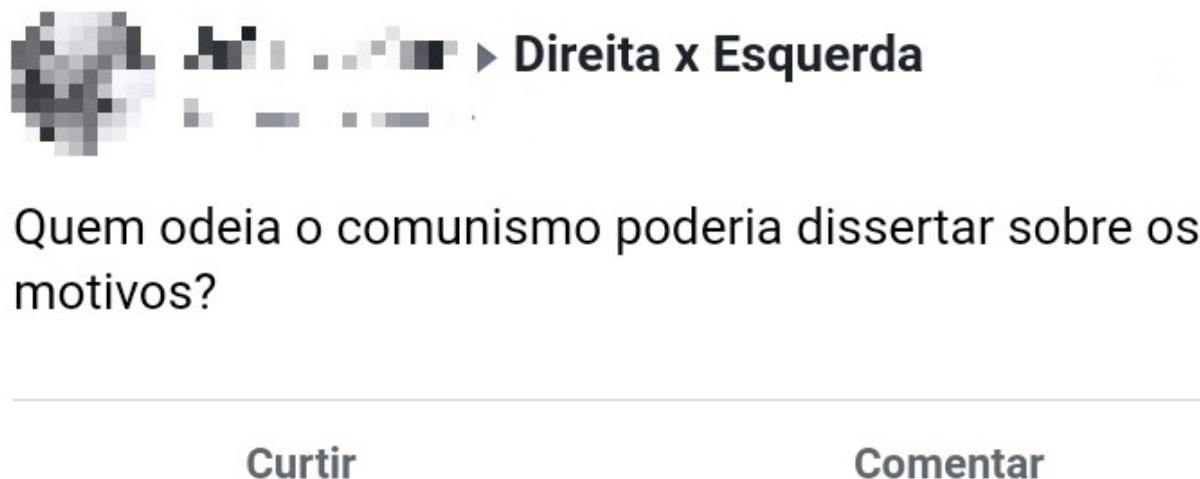
Você pode não saber, mas você ama o capitalismo!
Fonte: Youtube.com

O resultado dessa campanha massiva contra as ideias marxistas é a existência de uma massa trabalhadora sem consciência de classe, que acaba formando um imaginário negativo a respeito das ideias de Marx e reproduzindo os conceitos e informações falsas disseminadas pela classe dirigente.

Pedindo licença poética mais uma vez para uma analogia, *seria como uma mãe que inventa a história de um bicho papão. O bicho papão na verdade não existe, mas serve como instrumento da mãe para impedir que a criança faça algo que ela não deseja.* É exatamente isso que a classe dirigente faz com a classe trabalhadora. Cria um mito sobre o marxismo, para manter a classe trabalhadora afastada de tais ideias.

O resultado disso está exposto nos comentários que as pessoas fazem na internet. Para exemplificar de forma clara como as pessoas são cooptadas pelas informações passadas pelos *think tanks*, acompanhamos as respostas a respeito de uma pergunta feita sobre o Comunismo em um grupo de debates do Facebook. Como podemos perceber na Figura 4, um usuário trouxe o seguinte questionamento: “Quem odeia o comunismo poderia dissertar sobre os motivos”?

Figura 4 – Questionamento a respeito do marxismo em um grupo do Facebook

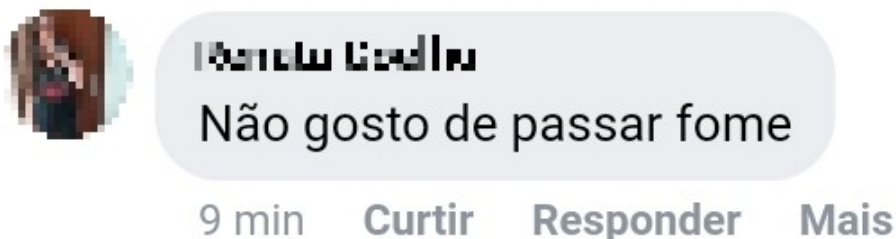


Fonte: www.facebook.com

As respostas demonstram total desconhecimento dos princípios básicos dos conceitos marxistas. Na Figura 5 podemos observar uma das justificativas mais comuns para a negação ao comunismo, que é a ideia de que no comunismo as pessoas passam fome. Mesmo vivendo em um mundo capitalista, com quase 1 bilhão de pessoas passando fome, trabalhadores são convencidos de que é no modelo produtivo comunista que existe fome. No Manifesto Comunista, Marx e Engels (1998) exaltaram que o objetivo do comunismo é abolir a propriedade privada burguesa e criar um sistema em que a classe operária comande os meios de produção. Dessa forma, a pobreza absoluta e a fome seriam suprimidas pelos frutos do trabalho.

Naturalmente que quem conhece os conceitos marxistas sabe que o comunismo nunca foi aplicado, mas o povo leigo é facilmente enganado por quem exerce o controle da informação. O objetivo da classe burguesa nada mais é do que estimular o discurso do medo, que está fazendo efeito nos trabalhadores, para que não busquem mudanças sistêmicas.

Figura 5 – Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.



Fonte: www.facebook.com

Este comentário presente na Figura 6 expressa o tamanho da ignorância a que alguns membros da nossa sociedade estão afundados. Primeiramente confunde comunismo com socialismo e repete a notícia falsa de que o sistema matou 100 milhões de pessoas. Essa afirmação é amplamente difundida por grupos que defendem o capitalismo e não possui nenhuma comprovação documental de que tal número de mortes tenham sido causadas pelo modelo produtivo em si. Por essa lógica o capitalismo deveria ser culpabilizado por bilhões de mortes ligadas à fome; desigualdade social; governos autoritários; violência urbana; falta de saneamento básico, dentre outras realidades que existiram e continuam existindo no mundo capitalista.

Para piorar, faz uma relação entre o comunismo e ditaduras. Harvey (2005) lembra que Marx não tem uma teoria específica para o Estado. Todos os seus escritos estão distribuídos de forma pouco aprofundada a respeito dessa temática. O que mostra que não é o ponto central das ideias marxistas, como muitos acreditam. Além disso, não faz sentido dizer que os trabalhadores comandarem os meios de produção transformaria o país em uma ditadura. Tal afirmação tem ligação com o fato de que regimes autoritários como o da Coreia do Norte se denominam socialistas. Como existe um desconhecimento do que Marx realmente escreveu, essas pessoas acabam acreditando nas informações dos *think tanks*, que afirmam que aceitar o comunismo é o sinônimo de aceitar uma ditadura.

Por fim, o comentário termina utilizando o termo “almoço grátis”, que é uma referência a medidas assistencialistas do governo. Ocorre que o comunismo defende justamente o oposto. Se o trabalhador estiver no comando dos meios de produção, terá

condições de prover o seu sustento. Medidas assistencialistas são medidas paliativas do sistema capitalista para maquiagem as condições periféricas da classe trabalhadora e sobretudo do exército reserva de mão de obra.

Figura 6 - Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.



Marco Firoo

100.000.000 de mortos, só é viável sob ditadura e terror, e prega o almoço grátis.

2 min Curtir Responder Mais

Fonte: facebook.com

Já neste outro comentário (presente na Figura 7), o usuário da rede social faz um paralelo entre o comunismo, que é um modelo produtivo, e o nazismo, que é um modelo que prega a supremacia étnica, racial e cultural. A propósito, o nazismo funcionou dentro do modelo capitalista de produção. Como boa parte das pessoas não conseguem distinguir um modelo produtivo de um modelo supremacista, essa é mais uma notícia falsa espalhada pelas redes sociais. Essa notícia costuma ser associada a outra notícia falsa, que é a suposta morte de 100 milhões de pessoas pelo socialismo.

Figura 7 - Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.



Dan Almeida

Essa é muito simples: comunismo foi/é a ideologia mais mortífera que já existiu, pior que nazismo. Se mata, se tortura e se escraviza milhões em nome do comunismo.

14 min **Curtir** **Responder** **Mais**

Fonte: www.facebook.com

Marx se dedicou a vida inteira na defesa da classe trabalhadora. Em seus escritos, definiu quem não trabalha com o adjetivo de vagabundo e os conceituou de lumpemproletariados. Foi perseguido e teve uma vida extremamente difícil por isso, para que alguns séculos depois espalhassem a informação (como podemos ver na Figura 8) falsa de que Marx na verdade é a favor daquelas pessoas que não trabalham. Marx e Engels (1998) apresentaram dez medidas a serem tomadas em uma possível revolução. Uma delas é justamente a obrigatoriedade do trabalho. Fica evidente que o desconhecimento da classe trabalhadora a respeito das obras de Marx é a principal arma da classe dirigente. A superficialidade com que as pessoas buscam informações nas redes sociais agrava esse cenário.

Figura 8 - Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.



Malson Duarte

Comunismo é só uma narrativa de quem não trabalha pra roubar quem trabalha



1 h Curtir Responder Mais

Fonte: www.facebook.com

Os *think tanks* suportados pela classe dirigente não apenas espalham notícias e conceitos falsos, mas também disseminam argumentos contra o marxismo. Na Figura 9, um comentarista replica, com erros de português, a ideia de que o marxismo seria antiético. Essa afirmação vem sendo divulgada em massa, com a justificativa de que a tomada da propriedade privada pelos trabalhadores não está de acordo com os princípios éticos. E o que seria ético? A mais-valia? Se é o trabalhador que gera a riqueza, antiético é defender a apropriação do fruto do trabalho, feita pela classe burguesa. Ocorre que esse apelo para ética visa proteger a estrutura sistêmica que subjuga os trabalhadores, mas na mentalidade do trabalhador influenciado pelas ideias burguesas, o risco é ao fiat uno velho, que ele tem na garagem.



Marcus Vinícius

Ideologia utilitarista, anti-ética que não se importa com quantos são mortos no caminho

2 min Curtir Responder Mais

Figura 9 - Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.
Fonte: www.facebook.com

Na dificuldade em encontrar boas desculpas na defesa de um sistema predatório, os serventes do capital apelam até mesmo para o naturalismo (ver na Figura 10). Esse é mais uma argumentação que eles tentam adicionar ao imaginário dos trabalhadores. Alegam que o capitalismo é da natureza humana e que o comunismo força o ser humano ser algo que não consegue em sua essência. Obviamente que não é da natureza humana deixar a maior parte da riqueza gerada para terceiros, enquanto muitas das vezes até sua própria família passa necessidades.

Figura 10 - Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.



Lucas da Faria

Comunismo é um sistema anti-humano. Ele não se adéqua a natureza dos seres humanos, não provê os incentivos certos e não permite o cálculo econômico.

Mas a arrogância dos comunistas é tão grande que chegam ao cúmulo de dizer que os homens é quem devem mudar para se adequar ao sistema e não o sistema aos homens.



7 min Curtir Responder Mais

Fonte: www.facebook.com

Por fim, temos a argumentação clássica, de que o comunismo nunca deu certo em país nenhum (conforme podemos ver na Figura 11). Como já vimos anteriormente, o comunismo marxista jamais foi aplicado. Recai sobre a ideologia comunista todas as

propagandas criadas durante a Guerra Fria contra o socialismo soviético. E hoje os *think tanks* de internet turbinam essas falsas concepções, atribuindo ao comunismo tudo o que veem de negativo no mundo. As pessoas acabam odiando o termo “comunismo” sem nem mesmo fazer ideia do que se trata.

Figura 11 - Comentário a respeito do marxismo em um grupo de debates no Facebook.



Renato Cunha

Me fale onde foi que o Comunismo deu certo ? Sem a ajuda do capitalismo.

7 min Curtir Responder Mais

Fonte: www.facebook.com

Esse ambiente demonstra que na era digital os defensores da classe operária estão lutando com “martelos e foices”, de forma arcaica, enquanto a classe dirigente se sofisticou, com uso do seu capital econômico, se apropriando do importante mecanismo que é o uso das redes sociais.

Não restam dúvidas de que esses mecanismos precisam ser disputados, mesmo que diante da vantagem de capital financeiro dos grandes capitalistas. Mesma havendo essa diferença, existem duas coisas importantes que precisamos considerar.

A primeira delas é a ênfase ao capital cultural, que os marxistas podem utilizar como forma de compensar o prejuízo existente até então. Dentro do meio intelectual, a classe hegemônica não contempla a mesma vantagem que exercem na questão econômica. Na prática, é o momento das forças progressistas utilizarem suas competências cognitivas.

O segundo ponto é o nível de dificuldade da missão de cada campo político. Enquanto os marxistas precisam convencer os trabalhadores a lutarem em prol da classe trabalhadora, a classe dirigente precisa convencer os trabalhadores de que medidas contrárias aos próprios trabalhadores são boas para a sociedade. Evidentemente que diante de uma sociedade montada com padrões capitalistas, esse trabalho acaba ficando menos difícil para a classe dirigente, mas a investida de capital cultural somada às ideias

impopulares da classe dirigente, pode ser um caminho para que a classe operária consiga ganhar mais espaço com a população, dentro do ambiente das redes sociais.

Considerações Finais

Fica evidenciado que vivemos em tempos de uso da tecnologia no auxílio do poder e controle. Nesse contexto, a internet se tornou uma grande ferramenta para levar informações. Sabendo disso, a classe dirigente passou a investir pesado o seu capital econômico para controlar tal mecanismo, naturalmente sem perder influência em outros mecanismos como a escola, a mídia e o Estado.

As redes sociais hoje são de grande alcance por parte da classe operária e é justamente por isso que as informações que circulam nesse ambiente são primordiais para a formação do imaginário dos trabalhadores. Como as pessoas formam opinião com base nas informações que possuem, existe uma tentativa de afastar a classe operária das ideias marxistas ou fazer com que chegue até elas informações falsas sobre a questão.

O resultado disso tem sido uma verdadeira rede de “trabalhadores zumbis” que são capturados ideologicamente pelas elites e passam a defender seus interesses, de modo com que a classe operária fica dividida entre trabalhadores que realmente possuem consciência de classe e aqueles que foram incorporados pelas ideologias da classe dirigente.

Os comentários nas redes sociais, já citados aqui, expõe o que dissertamos. As pessoas desconhecem profundamente o que realmente é defendido por Marx e passam a acreditar em versões manipuladas espalhadas pela internet pela classe burguesa, com o uso do seu exercício do poder econômico.

Essa divisão e enfrentamento entre trabalhadores é um alento para os grandes capitalistas, que conseguem desviar o foco de si e terceirizar a culpa pelas injustiças do sistema capitalista. A condescendência de parte da classe trabalhadora com o sistema que a escraviza é um dos tripés de sustentação do modelo atual.

Nesse cenário é primordial que os marxistas busquem instrumentos de diálogo com a classe operária, com o propósito de libertá-la do enfeitiçamento ideológico promovido pelos capitalistas. Em tempos de uso de novas tecnologias, sobretudo tecnologias de

informação em massa, rivalizar com a classe dirigente no uso dessas tecnologias é uma medida urgente a ser tomada.

Na falta do capital econômico, resta o uso do capital cultural, para compensar o prejuízo econômico com criatividade no uso das tecnologias de informação em massa. Para isso, primeiramente as forças revolucionárias precisam incorporar essas ferramentas como mecanismo de luta. Dessa forma, terá ao seu lado o capital cultural e um contexto de convencimento menos penoso que o dos grandes capitalistas, precisando convencer os trabalhadores a lutarem por condições melhores, ao invés de convencer os trabalhadores a se conformarem com as condições ruins, conforme precisa fazer a classe dirigente. É esse o cenário que temos para os próximos anos.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Marina. Financiada por institutos dos EUA, direita latino-americana busca conquistar jovens com nova roupagem. *OperaMundi*, 24 jun. 2015. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/samuel/40801/financiada+por+institutos+dos+eua+direita+latino-americana+busca+conquistar+jovens+com+nova+roupagem.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2º ed, 1983.

ATLAS Network. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>>. Acesso em: 13 jan. 2018. Acesso em: 05 jan. 2019.

AZENHA, Luiz Carlos. Irmãos Koch: partido mais secreto do mundo torra R\$ 2,5 bilhões para implantar ultraliberalismo. *Viomundo*, 24 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/irmaos-koch-partido-mais-secreto-do-mundo-torra-r-25-bilhoes-para-ganhar-eleicoes-combater-governos-e-espalhar-as-ideias-de-hayek-e-mises.html>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

BOURDIEU, Pierri. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

FANG, Lee. Esfera da Influência. Como os libertários americanos estão reiventando a política latino-americana. 11 de ago. 2017. Disponível em <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>> Acesso em 18 de out. 2018.

FAO: fome aumenta no mundo e afeta 821 milhões de pessoas. Nações Unidas, 11 set. 2018. disponível em <<https://nacoesunidas.org/fao-fome-aumenta-no-mundo-e-afeta-821-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em 13 fev. 2019.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* / Michel Foucault; Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

MAYER, Jane. *Dark Money: The Hidden History of the Billionaires Behind the Rise of the Radical Right*. Knopf Doubleday Publishing Group. Edição do Kindle, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. O Manifesto Comunista. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

MONBIOT, Charles. O projeto secreto (e perverso) do capitalismo totalitário. *Pragmatismo Político*, 28 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/07/projeto-secreto-capitalismo-totalitario.html>>. Acesso em 15 nov. 2018.

ONU: 4,5 bilhões de pessoas não dispõem de saneamento seguro no mundo. Nações Unidas, 13 jul. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-45-bilhoes-de-pessoas-nao-dispoem-de-saneamento-seguro-no-mundo/>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1980.

STUDENTS for liberty plays strong role in free Brazil movement. *Atlas Network*, 01 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/news/article/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

WEBER, Max, 1864-1920. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Kaen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.